



S OARES DOS REIS. POR M. V.

O primeiro ponto que cabe marcar-se na evocação da obra de Soares dos Reis, seja em estudo extenso, ou curta noticia, consiste na evidente desproporção que se observa entre o vulto do artista e o limitado renome que mereceu, não só á sua propria epocha, como á geração que immediatamente se lhe seguiu. Embora considerando a estreita relatividade que, em materia de renome, é imposta a todo o artista nascido em Portugal, e, quando mesmo cotejado com alguns dos seus contemporaneos e compatriotas, não pode deixar de surprehender a inteira e geral inconsciencia que, durante dezenas de annos, isolou, ou, o que é peor, mediu pela diminuta craveira que serve aos outros, um dos raros, senão o unico genio que conta a arte portugueza do seculo passado.

Agora mesmo, que principiamos a enxergar, destacada do fundo equivocadamente nebuloso que lhe fôra composto, a formidavel individualidade do estatuario, e que confusamente sentimos que a sua verdadeira posteridade começa connosco, não será facil distinguir a parte mesquinha que, na verdade do nosso juizo, cabe áquelles que nos antecederam, e que, de algum

modo, regeitaram a honra de nò-lo fazer conhecer e amar.

E todavia, tendo sido em arte um revolucionario, o que até certo ponto explica a guerra que lhe moveu o meio academico de então — nunca ninguem esteve tão perto da mocidade do seu tempo, auscultando-lhe e expressando-lhe as informes aspirações e abrindo-lhe, com o desbaste de tantos convencionalismos, um novo e largo caminho cheio de claridade.

E tanto assim, de tal volume e riqueza foi a herança artistica de Soares dos Reis, que, de elle para cá, até mesmo á jovem geração de hoje, visivelmente pobre de esculptores, não se avançou ainda um só passo seguro e suggestivo, nem se saberia apontar uma obra que, em confronto com qualquer das suas creações, não resultasse infinitamente diminuida e apagada.

Na verdade, o predicado que, mais do que nenhum outro, distingue a obra de Soares dos Reis, é a *grandeza*. Elle *via e realizava grande*, no sentido mais puramente esthetico da palavra. Todos os *assumptos*, atravez a sua genial interpretação, assumem essa importancia definitiva, que só a arte imprime, e que constitue afinal a unica garantia de immortalidade.

E' assim que uma obra quasi exclusivamente formada de *retratos*, por abranger os dominios da mais vasta e profunda humanidade, attinge uma outra, bem alta significação.

Não são simples commemorações historicas, mas antes *commemorações artisticas*, as estatuas do *Conde de Ferreira*, e de *Brotero*; do mesmo modo que o retrato d'uma senhora, destinado a ser sómente o *retrato de uma senhora*, e, como tal, objecto de estimação de determinada familia, se transforma, pela mais maravilhosa das realizações estheticas, nesse *Busto da Inglesa*, sem duvida uma das obras primas da esculptura de todos os tempos.

A propria estatua de *Affonso Henriques*

excede, em muito, na força e alcance do symbolo, a representação do heroe. Mais do que a figura historica do rei, representa e retrata ella toda a *idade-media* e *todo Portugal*.

E' por tal grandeza, quasi epica, que Soares dos Reis consegue interessar uma geração artisticamente tão distante da sua. Não deixa, entretanto, de parecer extranha a sorte do artista, que, tendo sido, por ideias e processos artisticos, absolutamente do seu tempo, não foi comprehendido nem amado d'esse tempo; e que tão sómente pelo que de symbolico existe na sua obra, de origem e intenção directamente realista, é admirado por artistas modernos, que com sinceridade aborrecem e desprezam aqueles que servilmente o imitaram *em silencio*.

NOTAS BIOGRAPHICAS

Antonio Soares dos Reis nasceu em S. Christovam de Mafamude, concelho de Villa Nova de Gaya, a 14 de outubro de 1847. A grande custo vencida a reluctancia do seu pae, mercleiro naquella localidade, em consentir que, para se preparar para uma carreira artistica que desde bem cedo o attrahiu, elle abandonasse o serviço que tinha como marçano na loja paterna, matriculou-se no primeiro anno dos cursos de desenho, esculptura e architectura da Academia Portuense de Bella Artes, em 1 de outubro de 1861, tendo frequentado, algum tempo antes, a aula de desenho, como estudante voluntario.

Apalxonado por todos os ramos de aprendizagem artistica, e hesitante, ainda então, sobre qual se devia decidir, estudou tambem pintura por espaço de dois annos.

Tendo sido approvado e classificado como distincto em todos os exames dos diversos cursos, foi-lhe conferido o primeiro premio no 5.º anno de desenho; e, tendo concorrido depois, com os trabalhos dos exames do 5.º anno de architectura, ao concurso triennial, obteve outro premio. Em 1857 foram abertos concursos, na Academia Portuense de Bellas Artes, de logares de pensionistas no estrangeiro para o estudo de architectura e esculptura. Soares dos Reis ainda então não havia definido a orientação da sua carreira artistica, isto é, o ramo de bellas artes, a que se dedicaria de preferencia, e que devia cultivar

de futuro; e, foi assim, que, mais por conselhos dos mestres e influencia da Academia, do que por escolha propria, se apresentou ao concurso de esculptura. Concorrendo sem competidor, foi por unanimidade approvado em 31 de agosto, tendo brilhantemente concebido e executado as provas designadas no programma, que consistiam em uma *cabeça, do natural, de dimensões colossaes, uma figura, tambem do natural, em baixo-relevo*, e um esboceto, realisado em gabinete fechado, representando Argus e Mercurio.

Em 27 de outubro do mesmo anno, partiu para Paris, e, uma vez nesta capital, ingressou na Escola Imperial de Bellas Artes, inscrevendo-se no curso de esculptura, que frequentou assiduamente, e onde teve por mestres, de esculptura, Jouffroy, de historia de arte, H. Taine, e de archeologia, Henzel.

Esta primeira phase do seu estagio e aprendizagem no estrangeiro foi moralmente terrivel para o artista, que a todo o momento constatava a escassez e os vícios da instrucção que em Portugal recebera. Com um fundo de tristeza nativo, uma natural predisposição para o pessimismo, e uma susceptibilidade quasi morbida, o seu grande orgulho devia, nestes primeiros tempos, ter sangrado dolorosamente, ao sentir e reconhecer a posição de inferioridade a que uma preparação inepta e mal dirigida o expunha, em face dos seus collegas, e que só esforçadamente o seu talento haveria de vencer e modificar.

O desanimo visitou-o, por vezes, e foi numa d'essas crises que, em busca de distracção, e para, por um tempo, abandonar o meio que então lhe era cruel, resolveu partir para Londres. Essa viagem, verdadeiramente de cura moral, foi-lhe, com effeito, salutar. Viu novas coisas, uma nova arte; e o seu talento que, embora sujeito ao desanimo e á amargura, era alimentado pelo fogo d'um grande sonho de arte e de vida, cobrou novo alento.

Regressando a Paris, o seu valôr entra de impor-se a todos, mestres e collegas, e, na primeira exposição de estudos a que concorre, é premiado com o premio pecuniario de 300 francos, e, entre muitas dezenas de estudantes, na sua maioria francezes, classificado em segundo lugar.

Em agosto de 1870, a guerra obriga-o a abandonar Paris, voltando a Portugal. Curta, porem, foi a sua demora aqui, pois que em janeiro seguinte, parte para a Italia, a fim de completar os seus estudos. Não obstante ter-lhe sido indicado officialmente para professor em Roma, e celebre estatuario Julio Monteverde, nunca chegou a trabalhar sob a sua direcção, não deixando comtudo, de aproveitar muito com a analyse e estudo das obras de aquelle artista,

admiráveis de execução no mármore, e bem superiores a tudo que se habituára a admirar em França, onde, em geral, os esculptores eram menos habéis na pratica do mármore.

Foi em Roma que Soares dos Reis concebeu e executou o *Desterrado*.

De collaboração com Simões d'Almeida, executou, ainda, um medalhão-retrato de Domingos Antonio de Sequeira, segundo um pequeno busto, reproduzido de outro grande, obra do esculptor italiano Tenerani. Este trabalho representa um sentido preto de veneração, por parte de Soares dos Reis, pela memoria do pintor seu compatriota, cuja sepultura, em Santo Antonio dos Portuguezes, elle visitava assiduamente, a quando o seu estagio em Roma.

De regresso á patria, em julho de 1872, visita as principaes cidades da Italia, bem como, de novo, Paris, Madrid, e, finalmente, Lisboa.

Não ficam, porem, por aqui, as suas viagens, pois em 1881, volta a sahir da sua Villa Nova de Gaya, indo a Paris, onde se demora um mez, percorrendo, depois, outras cidades de França e Hespanha.

E' depois desta viagem, que haveria de ser a ultima, que, voltando a Portugal, se abre para Soares dos Reis a phase de estabilização, que não foi longa, e que terminou, como epilogo, tragico mas logico, do martyrio moral do artista, com o seu suicidio.

Elle regressava, cheio de visões de arte, de projectos, de fé e de enthusiasmo, mas, a breve trecho, e ao seu contacto, poudé avaliar a estreiteza do meio em que se via obrigado a viver, campo de acção que tinha de ser o seu. O amor da arte, a cultura, a admiração pelo genio artistico, de ha muito demoravam exilados da sua triste patria. Para viver, tornava-se mister esquecer que era um artista com uma grande e bella obra a realizar, e, tão somente, fazer uso do que no seu engenho de estatuario, havia de mais commum e inferior. Assim, teve de lançar mão de encomendas de trabalhos anonymos e puramente industriaes, bem como do officio de *santeiro*. Neste ultimo, porem, a que durante bastante tempo se dedicou, o seu talento realisa verdadeiras maravilhas de esculptura em madeira, embora constrangido adentro das exigencias e regras canonicas, e, ainda mais, das ignaras vistas dos devotos que lh'as encomendavam.

Accresciam ás difficuldades d'este periodo a necessidade de conforto e de cuidados que requeriam a sua saude delicada, e a má sombra da neurasthénia, que jamais deixou de o espreitar. Todavia, á custa de heroicas economias, consegue realizar algumas obras de mármore, e alcança

o seu maior desejo e ambição: ter um *atelier* proprio, em terreno de sua propriedade.

Entretanto, por morte de Manuel da Fonseca Pinto, dava-se a vaga na regencia da aula de esculptura na Academia Portuense de Bellas Artes, e logo, para a preencher, a todos occorreu o nome de Soares dos Reis.

Comtudo, o artista mostrou grande resistencia em acceder aos pedidos instantes e quasi afflictivos que lhe dirigiram para concorrer ao logar. Não lhe repugnava o ensino, mas sentia que a sua entrada para a Academia não significava um facto banal e sem consequencias. Tinha a consciencia que tal só se podia dar quando reformas profundas collocassem a Escola em circumstancias compatíveis com as ideias que para sempre o haviam conquistado, no seu largo tirocinio artistico no estrangeiro. Muito inslado, porem, acabou por ceder, rendido principalmente aos argumentos dos que lhe asseveravam que só o seu ingresso como professor poderia remover os embaraços com que luctava a Academia, iniciando allí uma verdadeira desinfeccção do ensino que se professava, sobretudo, na aula de esculptura.

Compellido por estes propositos, aprezentou-se ao concurso aberto em 1881, e, sem oppositor, foi approved. Desde logo, pensou em reformar o ensino, pondo-o a par dos progressos do tempo, e banindo as velharias que julgou atrophiam o estudo e desenvolvimento dos alumnos. Nessa orientação, aprezentou, em 1886, um projecto de reforma, que causou escandalo no meio academico, merecendo ser asperamente combatido pelo professorado da Escola, que indignado repeliu a concessão de liberdades de ensino que nelle se continham e eram preconizadas. Nesse projecto, Soares dos Reis tinha em vista, fundamentalmente, melhorar e sanear o ensino, ao mesmo tempo que facultava aos estudantes de talento e excepçoes faculdades a garantia de vencerem os estudos em menos tempo do que o que o regulamento antigo lhes permitia. Era, numa palavra, e com certas restricções, aquillo a que hoje chamamos *curso livre*.

A recusa do seu projecto, levou-o a publicar um opusculo, em que expunha e defendia perante o publico, a reforma por elle preconizada, manifestando as razões que a determinavam. Convençido, como estava, da justiça da sua causa, ardorosamente apostolada; intransigente com os methodos rotineiros e nocivos, entre os quaes se via forçado a agir como mestre—a não acceitação da sua reforma causou-lhe uma grande e profunda impressão, avolumando os desgostos e contrariedades que lhe annueavam o espirito. Chegou a pedir a exoneração dos logares de

professor e academico, no que não foi attendido, sobretudo, por não ser facilmente substituível. Sempre preocupado, evitando todo o ruido que dolorosamente o molestava, olhando, desde então, a vida e a sua carreira de artista como mesquinha e inutil, o grande artista, que desgostos intimos tornavam ainda mais apprehensivo, sentindo-se impotente para lutar, poz termo a tudo, suicidando-se na tarde de 16 de fevereiro de 1889, no seu atelier, cercado pelas suas ultimas e preferidas obras.

A ESTATUA DE D. AFFONSO HENRIQUES. POR SOARES DOS REIS. ESTUDO CRITICO DO SEU CONTEMPORANEO, MANUEL M. RODRIGUES.

Não se julgará, por certo, sem interesse o estudo que a seguir reproduzimos sobre a bella obra de Soares dos Reis, e que foi publicado num jornal do tempo, a quando a inauguração do monumento de Guimarães.

Nada mais delicado para um artista consciencioso do que reproduzir pelo pincel ou pelo escopro a imagem de uma individualidade cuja existencia se assignalou por feitos memoraveis; tornando-se os embaraços ainda maiores, quando d'esse personagem venerado pelo culto entusiastico da historia nada mais resta do que as narrativas, por vezes phantasiosas, dos velhos chronicistas, e alguns retratos apocryphos, ideados por artistas pouco escrupulosos de veracidade.

Soares dos Reis, ao delinear a sua obra, devia ter-se visto a braços com a solução de mais de um problema intrincado. Tratava-se primeiramente de dar á figura a caracterização esthetica mais consentanea com as affirmações tradicionais; depois, accentuar nas minudencias dos *accessorios* nitidez archeologica de uma epoca bem definida.

Alem d'isto, uma outra objecção se lhe offerecia naturalmente: como e em que phase da existencia deveria representar o heroe?

Analysando cuidadosamente a *estatua*, quasi que podemos penetrar, sem grandes subtilidades, no espirito do esculptor, para explicarmos o modo como elle concebeu esse trabalho e os recursos de que se valeu para o exhibir na maxima correcção possivel da arte e da historia.

Tendo Soares dos Reis de escolher uma epoca, optou por aquella em que o personagem devia ostentar toda a robustez da sua energica virilidade e toda a larga magnitude do seu animo aguerrido. Apresentou-o, portanto, na simplicidade dos seus trages de cavalleiro de Edade Media e sem um unico attributo da realza; não o conquistador já aclamado nos plainos de Ourique, depois do poetico milagre, pelo qual as chronicas piedosas lhe consagraram a chefatura suprema da Nação; mas, sim, o intrepido caudilho que, reivindicando os justos direitos usurpados pela ambição arteira do Conde de Trava, sellou pela primeira vez, nos campos de S. Mamede, com o sangue generoso dos seus adeptos, a carta illustre que desde esse momento memoravel começava a dar os fóros de nacionalidade aos retalhos de um territorio que, ligando-se pela emancipação adquirida nas victorias de cem batalhas, constituiriam o reino forte e temido que devia, mais tarde, exten-

der os seus dominios até ás paragens mais remotas.

Em Guimarães, junto do berço de granito em que revigorou as forças da sua heroica juventude, perto das veigas em que deu a primeira prova da robustez do seu braço e da audacia da sua coragem, o filho do Conde borgonhez não podia, não devia exhibir-se em *effigie*, na decrepitude veneranda de uma existencia gloriosa, mas, antes, em todo o esplendor d'essa mocidade retemperada para as luctas em que ia empenhar o futuro da patria sonhada e estremecida.

Energica, altiva, athletica, como as lendas nos retratam a figura de Affonso Henriques, (1) a *estatua* insinua-se pela gravidade do aspecto, pela firmeza do olhar, pela attitude ousada, que se reflectem, com a fidalguia de raca a temeridade de coração e a sagacidade de entendimento.

A criação do e taturio está pois, neste ponto, verdadeiramente conforme com as indicações da Historia, não havendo nem exagero de phantasia, nem desmando de concepção.

Depois d'isto, cumpre analysar as restantes particularidades, e essas não menos melindrosas, da figura — os *accessorios*.

E' sabido que entre nós ha uma falta absoluta, tanto em arte, como em litteratura, de dados positivos e seguros sobre a indumentaria portugueza dos seculos XI e XII, e, no pouco que existe a tal respeito, não é raro depararem-se nos as presumpções mais extravagantes e os erros mais grosseiros, devidos, em grande parte, quando não a comp'eta ignorancia de elementos comparativos, a difficuldade de investigações que possam fornecer bases rigorosas e incontestaveis.

Em França, onde artistas e escriptores se têm entregado com louvavel dedicação ao estudo de quanto se relaciona com aquellas epochas remotas, não abundam, tambem, os recursos para uma orientação definida, em alguns pontos um tanto obscuros ainda, e assim é que até hoje apenas se conhece como *specimen* mais authentic do equipamento completo do homem de guerra do seculo XI, a celebre tapessaria de Bayeuse (2), fonte mais ou menos limpida em que continuam a beber todos os que precisam de reproduzir scenas ou personagens do tempo.

Em litteratura ha ainda, como trabalhos mais serios sobre a especialidade, o preciosissimo *Dictionnaire du Mobilier*, de Viollet le Duc e *La Chevalerie* de Leon Gautier, obra por igual valiosa, recentemente publicada.

A' falta, portanto, de meios elucidativos, propriamente de *casa*, era natural que o esculptor recorresse a elementos extranhos, e nem nisso se poderá dizer que elle andasse arbitrariamente, porquanto é de crer que não diversificasse muito os trages da Peninsula dos que eram usados nessa epoca, em outros paizes.

A *figura* veste, pois, o longo *saio* coberto de placas redondas, que só nos fins do 12.º seculo começou a ser substituido pela *loriga* ou *haubert*, como os francezes lhe chamam.

(1) Quando, em 23 de Outubro de 1832, foi aberto em Coimbra, na presença de D. Miguel, o tumulo do 1.º Monarcha portuguez, todos notaram as grandes dimensões do craneo e de mais ossos do esqueleto, o que demonstrava do modo mais evidente, que D. Affonso Henriques era de estatura elevada e de formas reforçadas.

(2) Esta notavel tapessaria, executada algum tempo depois da conquista da Grã-Bretanha por Guilherme o «Conquistador» (1066) dá os pormenores mais completos sobre os «costumes» guerreiros do fim do seculo XI e principio do seculo XII.